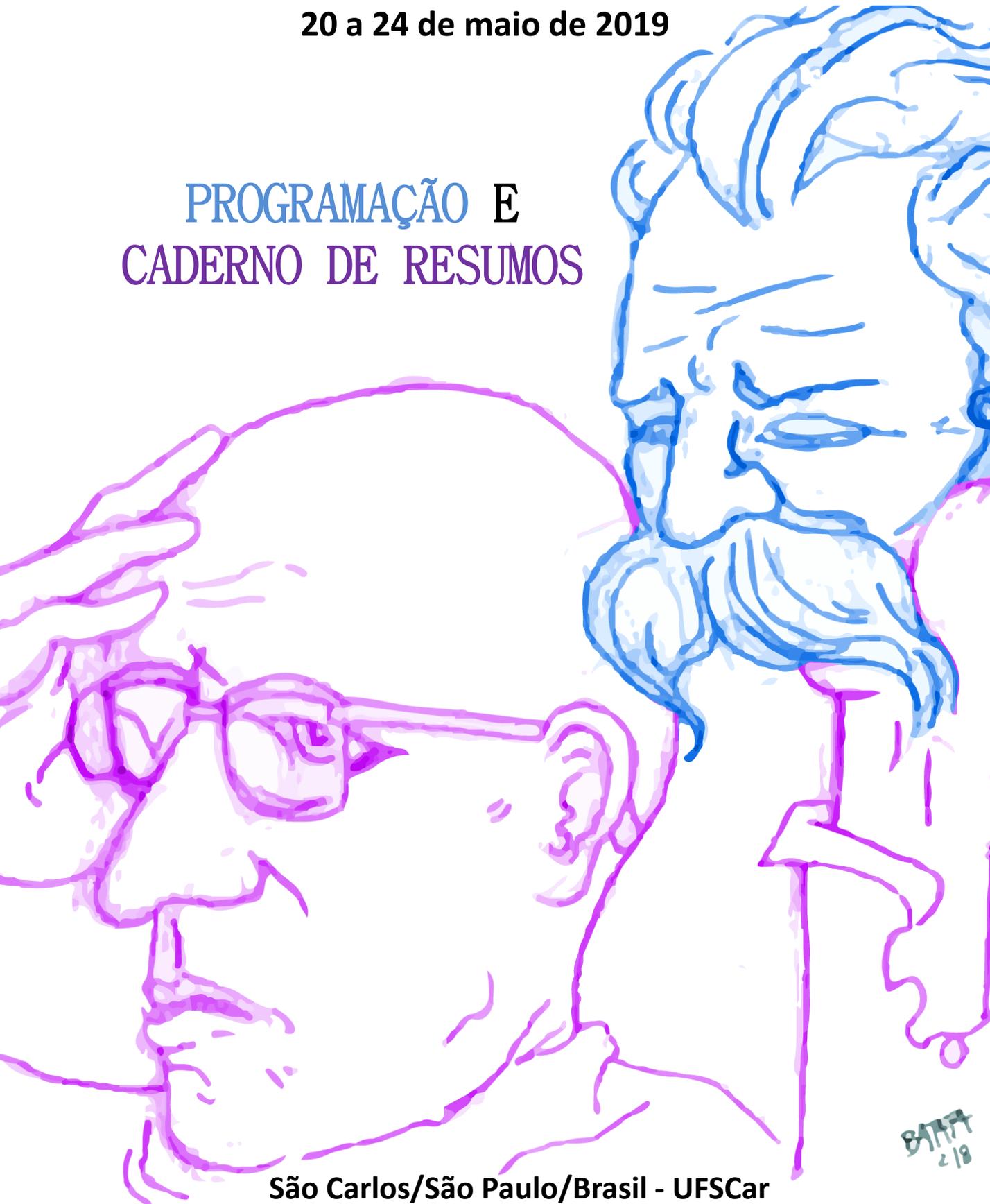


I CONGRESSO INTERNACIONAL NIETZSCHE - FOUCAULT

20 a 24 de maio de 2019

PROGRAMAÇÃO E
CADERNO DE RESUMOS



São Carlos/São Paulo/Brasil - UFSCar

COMISSÃO ORGANIZADORA

Monica Loyola Stival (UFSCar)

Carlos Eduardo Ribeiro (UFABC)

Lorena Balbino (Pós-Graduação/UFSCar)

Felipe Thiago dos Santos (Pós-Graduação/UFSCar)

Rafael Gironi Dias (Graduação/UFSCar)

EQUIPE DE APOIO:

Amanda Gonçalves de Lima

Bruno Fernandes

Gláucia Silva

Lívia Francisco de Souza

Marcelo Vieira

Natália Pereira

Tauami Sales

FINANCIAMENTO:

CAPES - Edital no. 29/2018 - Programa de Apoio a Eventos no País - PAEP

FAPESP - Processo 2019/00084-6

Institut Français Brasil

Consulado Geral da França em São Paulo

APOIO INSTITUCIONAL:

PPGFil - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar

Pós-Graduação em Filosofia - Pós-Graduação UFABC

LES - Laboratório de Estudos da Subjetividade (UFSCar)

icinietschefoucau.wixsite.com/coloquionf

Sobre o I Congresso Internacional Nietzsche-Foucault

Diversas maneiras de abordar as filosofias de Nietzsche e Foucault – seja refletindo sobre o trabalho de um ou outro, seja discutindo relações entre eles – serão apresentadas nesses quatro dias de encontro filosófico. Este congresso visa assim a reunir parte dessa diversidade, favorecendo principalmente o encontro entre pesquisas que se dispersam no extenso espaço geográfico do Brasil e fora dele, agregando pensadores latino americanos e europeus, conectando assim algumas possibilidades relevantes de pensamento que, por vezes, estão fora ou longe de centros hegemônicos do pensamento filosófico no Brasil e outras já renomadas.

Nietzsche e Foucault são em muitos sentidos representativos dessa ideia geral, embora irremediavelmente vaga, de descentralização – o que leva sempre a novas tramas. Face à tradição hegemônica da filosofia ocidental, ambos abriram portas ao pensamento, o que lhes garante, talvez paradoxalmente, um espaço central na compreensão dos acontecimentos que nos concernem.

Essa primeira edição quer permitir um espaço de (re)conhecimento e troca, envolvendo pesquisadores em diferentes momentos do percurso pessoal de pesquisa, diferentes gerações de pesquisadores das filosofias de Nietzsche e/ou Foucault.



PROGRAMAÇÃO

& resumo dos convidados

20/05

14:00 horas: Recepção

15:30 - 17:00 horas:

Oswaldo Giacoia Junior (UNICAMP)

"Michel Foucault e as Formas Jurídicas: Considerações sobre um certo Positivismo"

O objetivo de minha comunicação será retomar o tema da gênese do direito e do Estado a partir de relações de dominação, desta vez a partir das obras do último período de produção filosófica de Michel Foucault, em particular dos cursos intitulados *Em Defesa da Sociedade e Segurança, Território e População*.

17:00: Café

18:00 - 20:00 horas:

Thelma Fonseca (UFMS)

"Linguagem, verdade e história"

21/05

10:00 - 12:00 horas:

Monica Stival (UFSCar)

"*Quem fala?* a questão do sujeito em Nietzsche, Foucault e Viveiros de Castro"

Trata-se de traçar as linhas gerais de uma “questão do sujeito” a partir do problema da enunciação, que marca um ponto de vista específico como sujeito. Desde Nietzsche, a crítica que denuncia o “hábito gramatical” implicado na pressuposição de um “eu” para a existência do pensamento (“há pensamento”/ “eu penso”) tem como efeito a inversão do sujeito constituinte em “sujeito” constituído. É nessa linha que a discussão se desenvolve no trabalho de Foucault, igualmente vinculada à questão da linguagem e do corpo. O sujeito é deslocado para o plano de um efeito de relações discursivas, a partir do que é designado numa relação aberta de “si mesmo” a “si mesmo” (governo de si). É nesse mesmo plano discursivo que Viveiros de Castro apresenta a noção de “sujeito-pronominal” que o perspectivismo ameríndio põe em jogo, na qual “sujeito” não é o princípio de enunciação, mas, ao contrário de Foucault, polo designado (“agenciado”) pelo ponto de vista. Com efeito, procuro mostrar como a crítica de Foucault às filosofias do sujeito, na esteira de Nietzsche, não alcança um deslocamento efetivo em relação ao “antropologismo” moderno – vício antropocêntrico cujo modo próprio, ocidental, talvez possa ser repensado a partir do perspectivismo ameríndio.

"A exterioridade do discurso em Foucault: da vontade de potência ao dispositivo"

Em sua aula inaugural ao *Collège de France*, *A ordem do discurso*, Foucault afirma que uma das regras de seu método investigativo é a “regra da exterioridade”: tratar-se-ia de investigar os discursos a partir de suas “condições exteriores de possibilidade”. A ideia de “exterioridade”, contudo, é muito vaga e é preciso se perguntar o que exatamente Foucault entende por “exterior” ao discurso. No curso que dá continuidade à aula inaugural, *Leçons sur la volonté de savoir*, ao retomar as noções nietschianas de “conhecimento” e de “vontade de potência”, Foucault deixa claro que a questão das “condições exteriores de possibilidade” deve ser pensada à luz de Nietzsche. Mas essa influência deverá ser pensada com cautela já que ela implica tanto continuidades quanto rupturas. Em Nietzsche, a exterioridade do conhecimento (aquilo que, do exterior do campo epistemológico, determina o valor do que reconhecemos como conhecimento verdadeiro) diz respeito às relações de forças que pertencem ao domínio da vida, do corpo e da luta entre impulsos, isto é, ao domínio daquilo que Nietzsche chama de “vontade de potência”. Em Foucault, contudo, a “regra da exterioridade” sofre uma torção e o que é designado como “exterior” ao conhecimento ou ao saber não é exatamente o campo nietschiano da “vontade de potência”. A exterioridade do conhecimento, em Foucault, passa a designar um vasto e complexo campo de relações de forças que atuam por meio de uma série de práticas e que compõe o que Foucault chama de “dispositivo”. A questão toda, então, é compreender a diferença existente entre o domínio nietschiano da “vontade de potência” e o domínio foucaultiano do “dispositivo”.

21/05

14:00 - 17:00 horas:
Comunicações I: Mesas 01, 02 e 03

17:00 horas: Café

18:00 - 21:30 horas:

Fernando Mattos (UFABC)

“Nietzsche e Foucault como filósofos existencialistas”

Partindo de uma hipótese aventada por Steven Cromwell no texto "Existentialism and its Legacy", pretendemos sugerir uma interpretação existencialista das obras de Nietzsche e Foucault, acentuando o caráter antidogmático e libertador de suas ideias.

Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)

"Nas origens de 'Nietzsche, a genealogia e a história'"

Um dos textos mais comentados de Foucault é, sem dúvida, o seu artigo publicado em 1971 em homenagem ao seu mestre Jean Hypollite, "Nietzsche, a genealogia e a história". Em 2015, com uma bolsa do CNPq, tive a oportunidade de pesquisar no "Fonds Foucault" da BNF (Bibliothèque National de France, site Richelieu) um conjunto de manuscritos de Foucault, ainda inéditos. Deste conjunto, interessei-me, em especial, por um envelope contendo 1045 fichas de anotações, em folhas pequenas, que estavam na caixa XXXII intitulada "La philosophie allemande (Nietzsche, Schopenhauer, Hegel, etc.)". O objetivo de minha exposição é mostrar, a partir do trabalho com essas fichas, a laboriosa preparação desse artigo de 1971, uma amostra significativa da maneira de trabalhar de Foucault e, ao mesmo tempo, propor uma hipótese interpretativa: esse artigo não apenas representa um ponto de inflexão na interpretação que Foucault fez de Nietzsche, mas também se constitui como um dos primeiros exemplos da fecundidade do tipo de leitura que Mazino Montinari, o grande organizador, ao lado de Giorgio Colli, da edição crítica das obras de Nietzsche, propôs para a leitura de Nietzsche, qual seja, a importância do trabalho filológico para a interpretação do filósofo do *Zarathustra*.

18:00 - 21:30 horas (continuação)

Marcelo Raffin (Universidad de Buenos Aires)

**"O momento genealógico em Michel Foucault:
continuidades e reformulações do pensamento
nietzschiano"**

Este trabalho tem como objetivo analisar o momento de emergência e elaboração da noção de genealogia em Michel Foucault marcando as continuidades e as reformulações que o filósofo francês estabelece com o pensamento de Friedrich Nietzsche. A tal fim, o momento de análise levará em conta a passagem entre as décadas de 1960 e 1970 na produção foucaultiana e, particularmente, suas investigações dos primeiros anos '70, onde aparece o conceito de genealogia como via de acesso privilegiada à história, à verdade, ao poder e às formas que adquire a vida humana. Foucault construirá o conceito de genealogia a partir de uma série de elementos presentes em diversos trabalhos desta época, em particular, seu primeiro curso no Collège de France *Aulas sobre a vontade de saber*, seu artigo "Nietzsche, a genealogia, a história" e a primeira conferência de "A verdade e as formas jurídicas", mas também em certos desenvolvimentos dos cursos desses anos até mesmo o curso de 1976 *Em defesa da sociedade*". Desta maneira, minha análise se concentrará, em particular, no conceito de "vontade de saber", o questionamento da noção de "origem" (*Ursprung*) e sua reformulação pelo conceito de "invenção" (*Erfindung*), o contraste dos paradigmas aristotélico e nietzschiano de produção da verdade e do conhecimento, a produção das formas humanas no interior das relações de poder-saber, a releitura da história de Édipo, a proposta da noção de uma "história efetiva" (*wirkliche Geschichte*), o conceito de biopolítica como acontecimento capital que define a modernidade em tanto imbricação entre a vida e o poder, a tese da guerra como analisador das relações de poder, da sociedade e da política e a reelaboração da ideia de verdade.

22/05

10:00 - 12:00 horas:

Fernando Gimbo (UFC)

“História, linguagem e poder: Foucault e Bento Prado Júnior”

Trata-se de acompanhar no desenvolvimento da obra de Bento Prado a relação que ela estabelece com o pensamento de Foucault. Isso porque tal diálogo - em torno de temas como a linguagem e poder, ou ainda a sobre a história e as ciências humanas - parece decisiva em determinadas formulações originais e relevantes do pensador brasileiro. O objetivo último é mostrar, contra uma certa tradição de leitura, que a relação entre Bento e Foucault não se dá exclusivamente através da questão da literatura, mas sim em uma leitura crítica que toca temas centrais da filosofia contemporânea como um todo, e as consequências das ideias de Bento em particular.

Marcos Nalli (UEL)

"De que vida trata a biopolítica?: Considerações sobre a inversão foucaultiana da máxima aristotélica"

Pretendo refletir sobre o sentido da afirmação foucaultiana, presente em *La volonté de savoir* (1976) à máxima de Aristóteles de que o homem era um animal vivo capaz de existência política enquanto no homem moderno é a sua vida que está em questão política. O que tentarei mostrar é que não se trata de uma inversão entre os termos da vida e da política, mas uma transformação radical da relação pela introdução de um elemento novo, a vida num enquadramento biológico.

14:00 - 17:00 horas:

Comunicações II: Mesas 04, 05 e 06

17:00 horas: Café

Carlos Eduardo Ribeiro (UFABC)**“Nietzsche e Foucault, filosofias do *perigoso talvez*”**

Um dos vieses de crítica antidogmática de Nietzsche à metafísica é a conhecida implosão que sua crítica do *valor dos valores* faz da *crença na oposição de valores*. Em *Além do bem e do mal* esta perspectiva é particularmente importante e se encontra bem desenvolvida. Ela se vê articulada, dentre outras maneiras, pelo conceito de vontade de verdade. Construindo diferentes cenas, falas imaginárias e tantos outros recursos estilísticos com os filósofos dogmáticos, Nietzsche obriga-os a *dizer sua verdade*, isto é, a mostrar a inverdade sob a qual o valor verdadeiro fora por eles criado. Esta crítica que associa a forma tradicional de enunciação da verdade com as condições que acabam por anular sua validade enunciativa, enquanto universalidade, é um recurso nietzschiano conhecido: uma crítica imanente do valor verdadeiro que desnuda a base de inverdade de todo filosofar; que faz despencar, sob a própria atuação dogmática, sua máscara necessária. Colocando-se em favor de um novo filosofar, em favor de uma nova experimentação com a verdade, Nietzsche propõe uma filosofia do futuro que se traduz numa expectativa afirmativa: “para isto será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor diversos, contrários aos daqueles que até agora existiram — filósofos do perigoso “talvez” a todo custo”. Irei analisar como esta perspectiva de uma filosofia experimentalista, que perigosamente frustra o dogmático e a si mesma (como uma filosofia do *perigoso talvez*) é uma marca fundamental da genealogia foucaultiana à medida que também Foucault praticou histórias experimentais do pensamento. Para levar em frente esta análise, todavia, não se deve recorrer às diferentes inserções de Nietzsche no pensamento de Foucault, mas sim aos procedimentos mesmos desenvolvidos, de cunho genealógico, pelo pensador francês, sobretudo, nos cursos do Collège de France nos quais os andaimes de suas genealogias estão expostos. Irei concentrar minhas análises destes procedimentos no curso dado por Foucault, entre 1973-1974, intitulado *O poder psiquiátrico*.

18:00 - 21:30 horas (continuação)

Márcio Fonseca (PUC - SP)

André Yazbek (UFF)

"*Acontecimento e crítica* em Michel Foucault: dos usos do nietzschianismo na formação de uma contra-história do poder"

Trata-se de isolar a noção de *acontecimento* tal como ela aparecerá sobretudo no artigo que Michel Foucault dedicará a Friedrich Nietzsche em 1971, intitulado "Nietzsche, a genealogia, a história", para propor um uso da noção de *événement* pertinente à noção de *crítica* (em sentido amplo) e à incidência de ambos no campo da genealogia foucaultiana. Neste sentido, pretende-se sublinhar dois elementos: a) uma reabilitação de um materialismo não-dialético por conta do lugar ocupado pelo corpo como superfície de inscrição do acontecimento histórico; b) uma compreensão do acontecimento histórico como lugar de emergência da crítica contra-hegemônica e, portanto, das formas de contra-discurso e resistências que formam uma contra-história do poder.

11:00 - 12:00 horas:

Fillipa Silveira (UFU)

"Foucault e a humanidade"

Como filósofo crítico da modernidade, Foucault é reconhecido pela denúncia das grandes narrativas acerca do Homem e do humanismo, opondo-se, por meio da crítica histórica, a toda universalização dos discursos e práticas acerca do *humano*. Neste trabalho, tenho por objetivo explorar alguns meandros desta problemática, abordando, de um lado, os desdobramentos da crítica da verdade na precedência das relações de saber/ poder e, de outro, alguns limites e impasses da mesma. Uma relação entre a noção de deslegitimação dos discursos e práticas políticos e o conceito de ideologia, objeto de veemente crítica de Foucault em determinado período, parece proporcionar uma problematização fecunda dos trabalhos tardios do autor sobre uma *ontologia histórica e crítica de nós mesmos*.

23/05

14:00 - 17:30 horas:

Francisco Gaspar (UFSCar)

“Do caos à aparência: nota sobre a crítica do conhecimento em Nietzsche”

O que a tradição chamou de conhecimento - saber das coisas em si mesmas, independentemente de nós, homens - nunca passou de uma hipóstase de alguns procedimentos de esquematização e formalização do caos, esquematização cuja finalidade nunca foi primeiramente o saber, mas a própria instituição da ordem nesse caos, porque, do contrário, a própria vida não seria possível. E como a instituição da ordem, do próprio mundo, não passa de uma interpretação desse caos, ele permanecendo o pano de fundo da realidade, essa ordem nunca se desvencilha de seu caráter de aparência. Esta contribuição pretende discutir alguns aspectos da crítica de Nietzsche à concepção metafísica do conhecimento, procurando discutir, de um lado, em que medida o mundo das coisas é sempre fruto dessa atividade criadora, poética, de produção de ficções lógicas, e de outro, as consequências ontológicas dessa reviravolta crítica. Com as noções de caos, esquema e aparência, Nietzsche inverte a concepção tradicional do saber.

23/05

14:00 - 17:30 horas (continuação)

Luciana Zaterka (UFABC)

"Nietzsche, Foucault e a questão do transhumanismo"

O desejo humano de alcançar a longevidade e, quiçá, a imortalidade é tão antigo como o próprio homem. Do ponto de vista histórico-filosófico tal desejo é discutido inicialmente, no que concerne à sua viabilidade técnica e, portanto, prática, a partir da modernidade. De fato, a partir do Seiscentos observamos a relação constitutiva entre ciência e técnica, a ponto de o próprio corpo humano se tornar um objeto técnico, de maneira que a espécie humana estaria pronta para transcender-se. Na contemporaneidade, existem correntes de pensamento que definem o transhumano como a superação dos supostos limites impostos ao homem pela natureza, contando, para isso, com os potenciais tecnológicos, tais como, a engenharia genética, a biologia molecular, a biotecnologia, a neurofarmacologia, a nanotecnologia, etc. Nesse contexto, objetivamos, a partir da matriz conceitual de Nietzsche e Foucault, mostrar que menos do que afirmar alguma superação de fato, o transhumanismo, no limite, reafirma o ideal valorativo ascético da tradição filosófica.

17:30 horas: Café

18:30 - 20:30 horas:

Andreas Urs Sommer

(Albert-Ludwigs-Universität Freiburg)

**„Wissenschaft“ et ascèse selon le dernier
Nietzsche**

*Une lecture de La Généalogie de la morale, troisième
dissertation, aphorismes 23 à 28.*

10:00 - 12:00 horas:

Comunicações III: Mesas 07 e 08

24/05

14:00 - 15:30 horas:

Comunicações IV: Mesas 09 e 10

15:30 - 17:00 horas:

Ivan Domingues (UFMG)

"As palavras e as coisas: Um guia de leitura

Prefácio da edição norte-americana, entrevistas e outros estudos"

Trata-se de focalizar o projeto arqueológico de Michel Foucault, tomando como objeto as ciências humanas, à exceção da biologia e da história natural, e considerando-as à luz da distinção introduzida pelo filósofo no Prefácio da edição norte-americana entre "noble" e "neglected sciences", junto com a recomendação de ler o livro como "open site" e o repúdio à etiqueta de que ele era um estruturalista. Paralelamente, a par da dificuldade já evidenciada no citado Prefácio com a palavra arqueologia e sua relação com a epistemologia, somada ainda à necessidade de delimitar e distinguir as noções de saber e de ciência, deverei recorrer a entrevistas concedidas à época da publicação da obra famosa, como as de Bellour e Brochier: assim, o próprio título da obra, a circunscrição da episteme, a definição de arqueologia, a noção de discurso e de prática discursiva, o sentido dos estudos comparativos, a centralidade da história, o método das descontinuidades, para ficarmos com o essencial. Por fim, com a ajuda dos preciosos estudos de Gary Gutting, ao cruzar o Prefácio com a segunda obra essencial de Foucault para os estudos em apreço, *A arqueologia do saber*, será considerada a distinção entre os dois eixos epistêmicos: o **eixo 1** conscience / connaissance / science percorrido pelas diferentes epistemologias e filosofias das ciências e o **eixo 2** pratique discursive / savoir / science percorrido pela arqueologia, e seus desdobramentos. Por um lado, a necessidade de se ater ao eixo 2, ainda que haja sobreposições com o eixo 1, que dividem em comum a ciência. Por outro, especificamente, a necessidade de considerar e conferir especial atenção aos chamados operadores arqueológicos que irão introduzir os limiares e os respectivos níveis epistêmicos, a saber: o limiar da positividade, o limiar da epistemologização, o limiar da cientificidade ou da cientificização e o limiar da formalização ou da axiomatização.

24/05

17:00 horas: Café

18:00 - 20:00 horas:

Phillipe Sabot (Université de Lille)

« *Quelques figures littéraires de Nietzsche chez Foucault* »

Il s'agirait en particulier de montrer comment, entre l'article consacré à Bataille en 1963 ("Préface à la transgression") et la préface aux oeuvres de Brisset en 1970 ("7 propos sur le 7ème ange"), Foucault passe insensiblement d'un Nietzsche lu à partir de la thématique de la "mort de Dieu" (enveloppant la "mort de l'homme") à un Nietzsche généalogiste des passions humaines et de leur inscription dans le mouvement d'une histoire. Ces figures de Nietzsche, qui ne sont pas les seules repérables chez Foucault, accompagnent donc une certaine réflexion sur la littérature et sur les pouvoirs du désir et du langage.

COMUNICAÇÕES E
CADERNO DE
RESUMOS



COMUNICAÇÕES I

MESA 01

Nietzsche e Foucault

21/05 - 14 horas - Sala de Graduação do DFil

Yolanda Gloria Gamboa Muñoz - Doutora - PUC-SP

"Um signo excessivo entre Nietzsche e Foucault"

Pierre Klossowski é caracterizado por Foucault, no *Theatrum Philosophicum*, como um “outro signo maior e excessivo” (ao lado de Deleuze). Pretendo mapear algumas irrupções do pensamento de Klossowski, que parecem atravessar, desviar e obstaculizar o desenho de uma pretensa relação simples e teórica entre os pensamentos de Nietzsche e de Foucault. Relação que muitos de nós, tentamos explicitar em diversas ocasiões textuais, demorando muito a perceber como a apropriação foucaultiana deste signo gestual – sob o nome de Klossowski – encontrava-se *entre* ambos os pensadores. Para realizar esse mapeamento escolherei trilhar a via do *Incipit* e referir-me-ei ao papel do signo, do excesso e do gesto.

Camila Saran Vezzani - Doutoranda - PUC-SP

"A construção social da rivalidade feminina"

O enfoque desse texto, está na questão feminina, mais precisamente no fato da sociedade, ainda que sutilmente, instigar o ódio mútuo feminino, a competição excessiva entre mulheres, inserindo dúvidas quanto à possibilidade de existência e união. A relevância de abordar essa temática decorre da necessidade de se compreender como o surgimento de certos objetos e fenômenos, podem desencadear modificações na maneira de pensar, exigindo uma diferente forma de agir, desejar e julgar. Para a realização desse trabalho, teve-se como referência a análise das teorizações foucaultianas, que não implicam uma metodologia a priori, mas servem de norte para além da dogmática tradicional, o que permite a análise de certas práticas discursivas. A partir desta bibliografia foram desenvolvidas duas ideias centrais: (a) a de que gênero se refere a todas as configurações de construção social, cultural e linguística que aplicadas diferenciam mulheres de homens, como também é uma ferramenta de distinção entre mulheres, a qual possibilita o desenvolvimento de múltiplas feminilidades possíveis de serem vivenciadas; (b) a de que a rivalidade feminina nada mais é do que um mito inventado e que é próprio da ideologia da dominação masculina que coloca essa rivalidade como algo naturalizado e tradicional para perpetuação do poder patriarcal. O trabalho aqui resumido tem como conclusão parcial que a superação deste mito só pode ser alcançada na medida em que a irmandade feminina leve em consideração o lugar de fala de cada mulher; o que possibilitaria a construção verdadeira de laços empáticos. Contudo para que tal superação venha a ocorrer não basta apenas o ganho de consciência, mas é necessário a ação política feminina que modifique todas as estruturas sociais marcadas pelo patriarcado.

Palavras-Chaves: 1. Feminismo; 2. Foucault; 3. Rivalidade; 4. Big Little Lies

“Foucault leitor de Nietzsche: A disposição entre *Ursprung* e *Herkunft* em Nietzsche para um diagnóstico do presente em Foucault”

Tal estudo pretende trazer uma análise da conceituação do dito “*diagnóstico do presente*”, retirado de uma entrevista cedida por Michel Foucault em 1967. Nesta entrevista, Foucault afirma que “a tarefa da filosofia é desde Nietzsche uma busca que tenta realizar, fazer um diagnóstico do presente”. Destacamos a relação entre Nietzsche e Foucault em um ponto: como a “*wikliche historie*” (história efetiva) os une. Vemos que a relação entre o *modus* de diagnóstico em Foucault e em Nietzsche parte de uma análise da História (genealogia) como meio para reconhecer o presente; aqui não se toma o *cogito* como possibilidade de conhecimento, mas uma análise filológico/genealógico que em Foucault se atualiza como um “minucioso estudo acerca dos fatos ocultos da história”. Os conceitos de *diagnóstico*, e de *presente*, cumprem papel importante quando se trata do estudo das formações históricas em Foucault, pois é fazendo um *diagnóstico do presente* que podemos compreender a origem de determinados saberes. Consideramos que Foucault ao colocar Nietzsche como precursor da nova tarefa da filosofia contemporânea, o faz alegando tratar da possibilidade de conhecimento de certos saberes, legando a ele a tarefa que, até então, era somente de caráter metafísico: a possibilidade de conhecer. Portanto, o presente estudo busca compreender o que significa este *diagnóstico* (do presente) e precisar o porquê Nietzsche é colocado como o precursor da tarefa da filosofia contemporânea. Para tanto, este estudo analisará a distinção dos termos *Ursprung* (origem) e *Herkunft* (proveniência) que Foucault faz em seu ensaio *Nietzsche, a Genealogia, a História* (1971) para chegar ao que consideramos ser o motivo pelo qual Foucault coloca Nietzsche como precursor da tarefa da filosofia contemporânea. A presente análise poderá mostrar como Michel Foucault se vale da pesquisa genealógica/arqueológica como caminho para o (re)conhecimento do seu tempo (um *diagnóstico do presente*).

Palavras-Chaves:Arqueologia do Saber; Diagnóstico do Presente; Foucault; Nietzsche.

"O repúdio de Arendt e Nietzsche à incapacidade de pensar"

A senda deste ensaio transcorre pela obra de Nietzsche e Arendt, à medida, que intencionamos abstrair de ambos, o caráter peculiar do *Pensamento*. Temos a suspeita, que em ambos há uma desconfiança acerca daqueles que se sujeitam as massas e, dominados por falsos ídolos cometem o gesto brutal do *não-pensar* (grifo nosso), conseqüentemente, limitam-se a adesão cega do comportamento, ao invés da ação inovadora, do *initium*. Temos como rigor conceitual, e bibliografia principal, os textos de Arendt, *A Condição Humana* (2017/2018), e *A Vida do Espírito* (2005) e na obra de Nietzsche nos valeremos do texto *Assim Falou Zaratustra* (2011), mais especificamente dos *sonhos e pesadelos*, observando em especial, mas não somente, o aforismo “*O menino e o espelho*” como norte para delinear este estudo. É sobre esta percepção que se pretende examinar na obra *Assim falou Zaratustra* (2011) os *sonhos e pesadelos* de Zaratustra, que apontam como uma energia, uma força mobilizadora à ação, e neste sentido, a aproximação conceitual da *ação arendtiana* (grifo nosso). A observação constante neste texto é que Nietzsche, na personificação de Zaratustra, aponta a profícua atividade para o pensar. Em vários momentos Zaratustra recolhe-se a caverna, se ausenta do convívio com os homens, buscando a si mesmo como saída para poder “parar e pensar”. Esse afastar-se em *solitude*, não é uma negação do mundo comum, ao contrário quando nos distanciamos é essencialmente um olhar do mundo das aparências sem interferências que podem comprometer o exercício de nossa capacidade de gerar e escolher, e circunstancialmente confirmarmos o nosso esforço contínuo em busca de significados e transcendência! Ou seja, é por esse esforço de distanciar-se do mundo comum que podemos compreendê-lo. Compreender é uma tarefa contínua da nossa racionalidade, ela reconcilia o mundo das ideias e o mundo aparente. Portanto, ter a compreensão para conferir significados aos eventos da vida, já é um modo de associarmos o pensamento e a realidade.

21/05 - 14 horas – Auditório do DFil**Bruno de Novais Oliveira - Graduando - UFU**

“O esquecimento como contraposição à memória”

Um dos principais conceitos na filosofia nietzschiana é a noção de ressentimento e como isso se articula com o sujeito. O foco de minha argumentação é como o ressentimento é produzido a partir de uma má utilização da memória, e como o esquecimento é uma capacidade ativa da fisiologia humana, de modo que ele não se confunde com a negação da memória, ou com a falta dela, mas de modo que o esquecimento é uma parte constitutiva da consciência humana, onde, no momento do ato, uma ação pode, ou não, ser bem digerida e apenas “sentida” e não “ressentida”.

O próprio aspecto da faculdade da memória foi controverso na história da filosofia, seja nela com uma exaltação desmedida ou como uma pura impossibilidade de conhecimento verdadeiro. O ponto que Nietzsche elabora nessa relação entre memória e esquecimento é justamente como ela, por si só, não é capaz de gerar uma vida saudável do ponto de vista da consciência, onde a boa digestão do sentimento é necessária para que haja uma capacidade formativa do próprio sujeito, para que ele não acabe, através do ressentimento, culminando no que Nietzsche chama de má consciência.

É nesse sentido que o esquecimento é aquilo que proporciona as condições para a vida no mundo. O que Nietzsche chama de história, é demandada pela vida e é relativo o grau de memória que cada sujeito necessita, isto é, o grau de história que cada sujeito deve usar é dado pelo próprio sujeito, e o que controla essa capacidade que o sujeito tem de bloquear a própria consciência de uma eterna rememoração é o esquecimento, mas não porque o esquecimento é a ausência dessa força memorativa, e sim porque é uma capacidade ativa que se opõe à memória para a saúde da consciência.

"O papel da memória em Nietzsche: uma perspectiva crítica sobre a formação do Estado nacional francês"

Analisa o período inicial da Revolução Francesa a partir de uma perspectiva nietzschiana. Especificamente, trata de compreender a relevância da memória como um meio para a construção do Estado moderno francês, marcado pelo estopim da Revolução de 1789. Para tanto, elucida o tema por meio de uma abordagem genealógica da memória em Nietzsche, como também leva em consideração as críticas do filósofo à estrutura do Estado moderno no ocidente, com exemplos pontuais sobre o caso francês. Neste ponto, busca estabelecer algumas relações breves entre o desenvolvimento da memória no indivíduo e seu estabelecimento em sociedade com as atividades políticas revolucionárias, principalmente no que se refere à destruição e manipulação de símbolos e signos relacionados ao Antigo Regime. Aventa a hipótese de que, para o estabelecimento de uma nova estrutura social, os revolucionários utilizaram-se da memória, bem como outros valores apontados por Nietzsche como a culpa e a má consciência, como um meio para destituir um poder monárquico e colocar em seu lugar um poder pretensamente popular, que no entanto mantinha uma estrutura onde poucas pessoas governavam muitas.

Amanda Souza Ávila Lobo

- Doutoranda - UESB

" Segunda consideração extemporânea: A memória entre a conservação do passado e a criação do novo "

A proposta deste trabalho é, por meio da obra *Segunda consideração extemporânea: Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* (1874) do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, buscar pensar a partir dos sentidos histórico, a-histórico e suprahistórico, em que medida a memória pode ser transformacional ou criadora, se apresentando para além do reconhecimento e da representação, numa possível vinculação entre repetição e diferença. Aqui a memória supera sua condição de finalidade conservadora e ganha o valor de meio que possibilita criar o novo, numa interlocução temporal entre passado, presente e futuro, conquistada a partir de uma análise seletiva do tempo de atribuição de valor aos sentidos da história. Para isso, utilizaremos também das reflexões dos filósofos Michel Foucault, em seu texto *Nietzsche, a genealogia e a história*, presente na obra *Microfísica do Poder* (1979) e Gilles Deleuze com as obras *Mil Platôs vol. 4* (1980) e *Diálogos* (1977). Assim, trata-se de uma revisão bibliográfica, na qual busca-se findar a proposta com a construção das condições de possibilidade conceituais para pensar a memória não desvinculada dos processos de resistência e devir, sobretudo quando pensada enquanto um processo artístico e plástico.

Rafael Hyertquist Bordini
- Doutorando - UFSCar

"Nietzsche e a cultura: entre a filologia e a filosofia"

Dentre as diferentes modulações pelas quais Nietzsche compreende e discute os problemas relativos à cultura desde seu período de juventude até os escritos maduros, há um aspecto fundamental que permanece inalterado: ele a concebe em categorias de oposição. A crítica de Nietzsche é dirigida àquela cultura que ele chama de inautêntica, doente, inferior, decadente, filistéia, histórica ou da barbárie e se contrapõe à cultura autêntica, sadia, superior, afirmadora, elevada e portadora de unidade de estilo, sendo essas qualidades atribuídas conforme as diferentes fases de sua produção. Ele identifica a cultura na modernidade sempre em relação às primeiras categorias. Assim, estabelece como objetivo desvelar o declínio atinente à cultura moderna e se dedica a conjecturar sobre as condições necessárias para ascendê-la ao nível das segundas categorias. Essa comunicação será norteadas por um duplo objetivo. De um lado, pretende-se perguntar pelas condições de surgimento desta tarefa em seu período de juventude, de que modo ela se impõe como problema e em que medida ele pretende restaurar "esperanças" e propor "novos" caminhos para a cultura. De outro, situar a tensão entre filologia como paradigmas para esta tarefa.

Cathiani Mara Bellé
- Mestra - UFPR

"Indivíduo Soberano: um enigma nietzschiano"

**Maria Eugênia Almeida de Campos Guimarães -
Mestranda - UFABC**

"A arqueogenealogia de Michel Foucault como método de produção de conhecimento"

Ao analisarmos a *A Ordem do Discurso* de Michel Foucault, percebe-se, de certa maneira, sua visão de conceber o pensamento histórico-filosófico. Há uma leitura corrente nos estudos sobre o filósofo às quais afirmam que o mesmo, nesta aula do Collège de France, já estaria transitando para a chamada fase genealógica – da fase arqueológica – que se encontra presente em trabalhos como *História da Sexualidade I*. De acordo com os mesmos comentadores, durante a fase arqueológica, Foucault estaria mais focado em analisar o discurso e a construção dos saberes no âmbito da modernidade e, já na fase genealógica, ele ocupava-se em entender o saber e a sua relação com o poder. No entanto, com a publicação mais completa de *Ditos e Escritos*, a noção no método arqueológico, independente do genealógico, nos mostra que tal concepção é de difícil sustentação. Logo, esta comunicação pretende discutir o método arqueogenealógico em textos pertencentes à *História da Loucura na Idade Clássica* e *Vigiar e Punir*; além da aula ministrada no Collège de France em 14 de novembro de 1973, e do famoso texto de 1971, *Nietzsche, Genealogia e a História*.

"O trabalhador e as coisas: Por uma genealogia da Luta de Classes"

O presente trabalho busca expor os deslocamentos teórico-conceituais desenvolvidos por Michel Foucault em seu curso no *Collège de France* de 1972-1973 ("A Sociedade Punitiva") que o possibilitou criticar certas concepções marxistas da época. Tais deslocamentos levariam a não mais pensar a história partindo da ideia de classes em oposição, mas sim das condições que possibilitaram a formação destas.

Dentre os deslocamentos estudados, temos: (1) o desenvolvimento, neste período, de seu procedimento genealógico, que possibilitou questionar a Filosofia da História assumida por Marx, assim como certas concepções tomadas por este como trans-históricas; (2) criação de uma nova concepção de poder "sobre o pano de fundo de uma guerra civil", em que se destacam os jogos do que chamou de "ilegalismos populares" e que possibilita interrogar a formação de um regime de classes a partir de um campo de lutas heterogêneas; (3) a crítica do papel exclusivamente repressivo do poder para explicar o funcionamento entre classes, assim como a utilização da concepção de criação de circuitos laterais de derivação de poder.

No curso, tais deslocamentos aparecem pela formulação de uma tese acerca da transição do regime feudal para o capitalista. Segundo Foucault, tal transição teria se dado por uma inversão do funcionamento dos ilegalismos populares: os ilegalismos praticados pelos trabalhadores e que eram úteis à burguesia deixam de sê-lo, pois agora deixam de se dirigir aos regulamentos e leis para incidirem diretamente sobre a própria riqueza burguesa. Assim, teria sido necessário à burguesia criar dispositivos para impedir tais ilegalismos; os principais teriam sido: (1) a *moralização* das massas e (2) a *sequestração* dos trabalhadores.

Desse modo, para Foucault, a constituição de classes em oposição seria muito mais o resultado desses processos de moralização e sequestração do que um princípio de análise a ser utilizado sem a delimitação de suas condições de possibilidade.

**Lívia Francisco Arantes de Souza –
Mestranda - UFSCar**

“A descrição histórica de Foucault entre 1966 e 1976”

O objetivo deste trabalho é investigar algumas elaborações conceituais de Foucault que antecedem o curso *Em defesa da sociedade* (1976). O foco está nas noções de *episteme* e *a priori* histórico, para que possamos entender o debate em torno da mudança metodológica de Foucault entre as décadas de 1960 e 1970. Para tanto, vamos realizar uma análise concentrada, sobretudo, no prefácio e nos dois últimos capítulos de *As palavras e as coisas* (1966), no capítulo *A priori histórico e arquivo* de *A arqueologia do saber* (1969) e nas aulas do curso de 1976, em que ele trabalha a noção de trama epistêmica, a formação das ciências humanas e a definição de arqueologia e genealogia. Com isso, pretendemos mostrar a complexidade envolvida nas noções de arqueologia e genealogia, além de elaborar questões acerca da relação a ser estabelecida entre elas: oposição ou complementariedade?

Zenaide Sachet - Doutoranda - USP

"Do *a priori* das arqueologias: Foucault e Agamben"

Objetiva-se reconstruir a trama da ideia de *a priori histórico* nas arqueologias de Foucault e Agamben. Imanente à história, sem estar acima, o *a priori* revela a inomogeneidade histórica dos fatos e permite compreender o que pode a arqueologia.

"A genealogia da vontade de verdade: o acontecimento policéfalo nas *Aulas sobre a vontade de saber* de Michel Foucault"

Uma “morfologia da vontade de saber”. Assim, Foucault anuncia o horizonte visado por suas pesquisas ao iniciar suas atividades acadêmicas no Collège de France. Com isso, suas *Aulas sobre a vontade de saber* se propõem a lançar uma primeira hipótese sobre o tema e experimentar um método de análise com inspirações declaradamente nietzschianas. É desta forma, que, já na primeira aula, Foucault delimita seu objeto e o jogo ao qual quer submetê-lo: a vontade de verdade, ligada a uma vontade de saber, não cumpriria uma relação de exclusão, mesmo que parcialmente, semelhante ao discurso penal no século XIX? Não seria a vontade de verdade tão histórica como qualquer outro sistema de exclusão, e com isso, passível de transformações a partir de uma rede de instituições? Não formaria, portanto, todo um sistema de constrangimentos que se exerce sobre outras práticas discursivas, mas também sobre práticas não discursivas?

Gostaríamos de destacar os problemas histórico-teóricos presentes nestas aulas, pois relacionam uma análise histórica de conhecimentos, saberes, disciplinas e acontecimentos discursivos que circunscrevem a questão da vontade de saber. Nesta direção, Foucault indica algumas apostas a respeito do desenvolvimento deste tipo de análise que em suas palavras, volta-se a recolocar “o jogo da verdade na rede de coerções e de dominações”. Para tanto, Foucault se voltará ao debate historiográfico sobre as instituições gregas nos períodos arcaico e clássico, buscando entender a dinâmica das relações de poder conferidas ao estatuto do discurso verdadeiro. Desta análise historiográfica, três pontos se destacam da leitura de Foucault, são eles: a instituição da moeda, a instituição do *nómos*, e, a relação entre pureza e impureza que institui “uma justiça de modelo religioso” – três pontos que caracterizam a verdade como um acontecimento policéfalo.

**David da Silva Pereira –
Doutor - UTFPR/Cornélio Procópio**

"Foucault Educador"

Michel Foucault ensina no Collège de France, uma instituição de ensino muito particular, entre 02.dez.1970 e 24.jun.1984, data de sua morte. Qual era a sua docência? Como se portava o Prof. Foucault? Qual era o seu público? Qual interação era possível? Por que Foucault reclamava ano após ano de uma espécie de teatralização de seu ensino? Essas questões e outras serão objeto de uma comunicação acerca do Último Foucault, período demarcado entre jan.1978 e mar.1984, intervalo no qual profere os sete últimos cursos no Collège de France, além de outros como o de Louvain, de 1981, entre outros nos Estados Unidos, Japão e Canadá. Uma entrevista de 1975 releva alguns elementos que serão complementados por pistas deixadas em entrevistas, cursos, palestras, conferências, sobretudo, em seus Ditos e Escritos (FOUCAULT, 2017). Dessa forma, a partir das palavras do próprio Foucault e de seus contemporâneos, como Giles Deleuze e Didier Eribon, que escrevem sobre esse filósofo contemporâneo após sua morte, serão “escavados” elementos de uma docência que não se restringia à comunicação de resultados de investigação ou ao cumprimento protocolar de um compromisso anual de 26 horas nessa Instituição francesa. Ao contrário, havia todo um envolvimento, toda uma trama, todo um jogo de sedução entre Foucault e sua plateia, verificáveis por meio de elementos reunidos nos últimos dois anos de investigação, dos quais, o período fundamental de pós-doutoramento ao abrigo do Prof. Silvio Gallo, de seu convênio com a CAPES-COFECUB, o que possibilitou oito meses de investigação na França. Desse percurso, espera-se partilhar elementos de uma compreensão ainda incompleta, ainda em produção, desse que, certamente, foi um dos mais cativantes intelectuais, pensadores e, por que não, “professores” contemporâneos – Michel Foucault. Foucault Professor é uma provocação e um questionamento quanto à docência como atividade capaz de possibilitar uma relação profunda com o outro.

COMUNICAÇÕES II

MESA 04

Nietzsche e literatura

22/05 - 14 horas - Sala de Graduação do DFil

Pedro Marques Cintra - Graduando - UFU

“Nietzsche e Kafka - Sobre a doença da modernidade”

Neste trabalho está presente a noção de niilismo como um conceito moderno partindo principalmente dos escritos de Nietzsche para a comparação e compreensão da ideia nas obras de Kafka. Juntamente utilizarei alguns fragmentos das obras sobre Kafka de Deleuze e Guattari como apoio. Apesar da noção de niilismo ser moderna para Nietzsche ele é estrutural nas sociedades Ocidentais, provindo principalmente de religiões que negam o mundo como tal e afirmam uma ideia para ser alcançada, legislando normas morais que podam nossas vontades. Agora vendo que o homem moderno se encontra perdido nesse emaranhado moral, pois não seria próprio dele esta consciência sufocante que é imposta pela religião por uma armadilha, os pregadores da morte convencem que o melhor é reprimir seus desejos e abaixar a cabeça, não querendo viver, mas só estancando as feridas dessa doença, por isso louvam aqueles que viram mártires pelos fracos, desumaniza sentimentos e os tomam como tentações, como os impulsos de violência ou de prazer, utilizando artifícios como a culpa para subordinar os crentes. Essas observações me levaram a assimilar os textos de Nietzsche a Kafka, principalmente pelo livro *O Processo*, no momento que da mesma forma o personagem principal fica perdido em um emaranhado legal de uma sociedade que o empurra goela abaixo a culpa de uma coisa que não fez, forçando-lhe a rebaixar até recair em um niilismo, aceitando a condenação por veredicto de um sacerdote. Nas demais obras do autor pode-se ver como o niilismo se estende ainda mais, como ocorre no conto *O artista da fome* onde sua impossibilidade de sentir prazer faz com que negue sua vida no momento que não tem mais atenção por sua arte ser incompreendida.

Enzo Estevinho Guido - Graduando - UFPR

“Kirillov, o Demônio de Dostoiévski e o Niilista de Nietzsche”

Mikhail Bakhtin comentou no livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* sobre a peculiaridade do romance polifônico deste escritor russo. Para Bakhtin, os personagens não são escravos do autor, suas vozes e pensamentos falam tão alto quanto Dostoiévski, assim, os leitores podem discutir tanto com o herói da trama quanto com o autor. No livro *Os Demônios*, obra a qual Dostoiévski se debruça sobre os niilistas russos, essa característica se destaca devido ao grande número de personagens portadores de fortes e dispares convicções, dentre eles é possível destacar o personagem Kirillov, homem porta voz de um niilismo diferente dos demais, seu discurso ama a vida apesar de toda a dor e sofrimento, fala de um homem-Deus e da maldade do Deus cristão. Entrando em contato com tais ideias é impossível não lembrar do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e seu niilismo ativo. Da mesma forma Nietzsche foi leitor de Dostoiévsky (o autor comenta seu primeiro contato com o livro intitulado *L'esprit souterrain*, uma tradução da obra *Memórias do Subsolo*) e conhecia bem o “niilismo ao modo Petersburgo”, o filósofo dialogava com o romancista em suas obras, principalmente no final de sua vida.

Apesar de seguirem caminhos próximos Nietzsche e Dostoiévski têm opiniões divergentes em diversos temas acerca do niilismo, esta será a temática que este trabalho se propõe, pesquisar as concepções de niilismo de Nietzsche, Dostoiévski e conseqüentemente Kirillov para encontrar na trajetória de seus pensamentos momentos de convergência e de contraste. Para isso faremos uma análise comparativa entre o romance *Os Demônios* de Dostoiévski e o conceito de niilismo desenvolvido em algumas das obras de Nietzsche.

Gabriel Viviani Tagliacozzi - Graduando - UFU

“Nietzsche, um leitor de Dostoiévski”

Este resumo tem como objetivo demonstrar a influência do escritor russo Fiódor Dostoiévski sobre o filósofo Nietzsche, através de minhas observações sobre o artigo intitulado: *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem moderno”*, escrito por Paschoal. E conseqüentemente expor o drama intelectual do personagem Kiríllov de *os demônios* como parâmetro em uma aproximação de seus ideais com o pensamento de Nietzsche. O artigo é apresentado com base em um estudo sobre a influência do escritor russo nos aspectos inferidos por Nietzsche no assim chamado “homem do ressentimento” tendo como início explicitar evidências sobre o contato do filósofo alemão com as obras de Dostoiévski em especial o livro *L’sprit souterrains* publicado em 1864, expondo como os conceitos dostoiévskiano foram grande influência para o desenvolvimento de sua crítica a moral. Após explicitar as evidências históricas relacionadas ao contato de Nietzsche com os escritos dostoiévskianos, apresentarei o personagem Kiríllov de *os Demônios* como um homem niilista que enxerga em seu suicídio a redenção da humanidade, exclamando que a única forma de salvar a todos é o arbítrio perante as leis universais de Deus; os homens só seriam livres a partir do momento que fossem completamente insubordinados a qualquer regra exterior a si, é o temor do livre arbítrio e a invenção dos deuses que causa a infelicidade dos homens. Como consequência de minhas observações colocarei passagens Nietzscheana de *Assim falou Zaratustra* com o objeto de relacionar seus pensamentos com Kiríllov afim de demonstrar como o personagem de Dostoiévski em seus devaneios intelectuais possa provavelmente ter sido uma antecipação do *Zaratustra* de Nietzsche.

Daniel Filipe Carvalho - Doutor - CEFET-MG

“Nietzsche e Diógenes: sobre crítica à moral e transmutação de valores”

Michelle Martins de Almeida

- Graduanda - UNIMONTES - Campus Darcy Ribeiro

"Nietzsche leitor de Dostoiévski: Sobre a Subjetividade e Decadência – O Caso Brasil"

O texto pretende tomar como referência, e incorporar elementos em torno do campo problemático, proposto pelo viés da transversalidade que existe entre a filosofia e a literatura. Criando uma amarração. Buscando sempre estabelecer uma aproximação e conversação em torno de Friedrich Nietzsche e Fiódor Dostoiévski, dois grandes e potentes nomes de espíritos livres. À luz de ambos, tentamos produzir, inventar, fabular alguns problemas ao entorno dos desdobramento da conjuntura político-social tendo o Brasil como *topos*. Mais um indicativo que nos deparamos com a mácula da 'falência' do sujeito, da desilusão e dissolução da promessa de emancipação, 'progresso', segurança, liberdade, autonomia, e igualdade. A base de nossa discussão, se dá especificamente a partir da obra literária do escritor russo, *Memórias do subsolo*, valendo-se do personagem principal, enquanto indício de uma possível leitura nietzscheana de Dostoiévski, presentes mais especificamente nas obras *Genealogia da Moral* e *Além do Bem e do Mal*. Destacando o papel das fissuras coletivas. E aproximar a figura do Homem do subsolo (personagem central do romance de Dostoiévski) ao homem do ressentimento, o culpado, decadente, niilista. Homem da moral escrava, homem moderno, homem da convicção, da opinião, o indiferente, inerte, e a "nova" direita brasileira. Ressaltando a importância da constituição de novas potências sociais. Pensar linhas de fuga. Advogar em prol do devir. Colocarmo-nos no limite de uma perversão. Pensar a possibilidade de inventarmos outros processos de singularização, de autonomia, de criação e de vida. Novas subjetividades. Colocar toda a estrutura que controla o homem moderno em colapso. Ser ruptura em um bloco hegemônico de valores que transcendem a vida. Ser 'imoralista'...

22/05 - 14 horas – Auditório do DFil**Gláucia Silva do Nascimento - Mestranda - UFSCar****“A vontade de verdade em Foucault”**

Vontade, verdade, poder, saber. Esses conceitos edificam as pesquisas realizadas por Foucault em sua fase genealógica dos anos 70. Ele manuseia não só os conceitos como também os constructos dos filósofos da tradição e os põe em conflito, pois seu intento se alinha ao de Nietzsche, o de colocar-se fora da história interna da filosofia para poder analisar a produção de discursos que almejam uma vontade de saber, peculiar ao Ocidente. Foucault estabelece dois tipos de história da verdade na filosofia. Uma na qual a verdade, sua história, é pensada a partir da história da filosofia, uma espécie de grande narrativa, da verdade, tal como a encontramos no começo da *Metafísica* de Aristóteles. E o outro tipo, que concebe uma história de rupturas, na qual a filosofia está em diálogo com as formas jurídicas, com as instituições religiosas, com as práticas médicas, com as expressões artísticas, conforme realizada por Nietzsche.

Para analisar as formas de saber alinhadas à produção do discurso verdadeiro na história do Ocidente nos balizaremos nos textos *d'A verdade e as formas jurídicas* (1973) e *Ordem do Discurso* (1970). Localizamos no primeiro uma descrição de como a verdade, tem uma história e como em cada período esta vontade de verdade foi se adaptando ao saber de uma cultura, localizando a formação de domínios de saber a partir de práticas sociais. No segundo temos uma descrição dos elementos constituintes do sistema de exclusão que nossa sociedade criou para se regular, quais sejam: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Esses três elementos atingem o discurso que por sua vez, se sustenta num jogo que mescla desejo e poder. E por fim, temos uma descrição do surgimento da sociedade disciplinar.

Mauricio Aparecido Pelegrini - Doutorando - Unicamp**“Foucault e a história da verdade”**

Felipe Luiz - Mestrando – UNESP/Marília

"Há uma ontologia do saber em Foucault?"

O objetivo da presente comunicação é debater se haveria uma ontologia política do saber em Foucault, sobretudo a partir de alguns textos publicados nos *Dits et écrits*, mas no Brasil reunidos na coletânea *A verdade e as formas jurídicas*. Trata-se de uma série de conferência empreendidas por Foucault no Brasil na aurora da década de 70, onde o mesmo adianta alguns temas que aparecerão em *Vigiar e Punir*, em consonância com aquilo que ele pesquisava no momento. Para nós, na primeira destas conferências Foucault recupera Nietzsche para fornecer um conceito ontológico de saber. Isto quer dizer, uma série de afirmações sobre o próprio ser do saber entendido como fundamentalmente belicoso. Nossa comunicação se centra em expor este conceito de saber e tentar dar uma coerência de totalidade nas produções de Foucault na década de 70, quando da genealogia do poder, em torno desta temática. Para tanto, articularemos a dita conferência com outras produções de Foucault, mostrando que, em seu cerne, está tal noção belicosa de saber, que permite a Foucault escapar das principais filosofias de seu tempo, a fenomenologia e o marxismo, ensejando uma via própria de pesquisa e constituindo uma filosofia tributária de Nietzsche, mas com características próprias bem marcadas.

Rodrigo de Oliveira Figueiredo - Graduando - USP

“Do conhecimento como invenção à história genealógica: saber, poder e verdade em Foucault”

Esta comunicação pretende abordar o delineamento de Michel Foucault de um tipo de análise histórica que, ao partir da concepção nietzschiana do conhecimento como invenção, permite a ele formular a ideia de que a verdade tem uma história, qual seja, a história da formação dos domínios de saber a partir das práticas sociais. Mostraremos como, em sua análise do poder, Foucault trata do tema da verdade a tomando em relação com as práticas correlatas a ela, destacando a sua defesa da implicação mútua entre poder e saber na produção de sujeitos e objetos. Pretende-se, com isso, frisar o distanciamento de Foucault de um tipo de pensamento denominado por ele como "marxismo acadêmico", uma tendência que, segundo o autor, concebe o poder enquanto fator que obscurece as relações do sujeito com a verdade.

Pedro Ivan Moreira de Sampaio - Doutorando - USP

“O fim da ontologia do valor: uma breve análise foucaultiana do pensamento econômico no final do século XIX”

O pensamento econômico europeu é marcado, no final do século XIX, por uma transformação significativa na concepção do valor. A primeira metade deste século é assinalada por uma teoria do valor-trabalho, referenciada fundamentalmente no pensamento de David Ricardo. Ainda que sendo objeto de repetidas críticas ao longo de todo século XIX, o ato de tomar o trabalho como categoria de inteligência para toda a economia persistiu como signo do pensamento econômico, ao menos até os anos de 1870. Nos 30 últimos anos do século XIX, os economistas marginalistas formulam um modo distinto de pensar o valor, definindo-o como um juízo individual. Esta teoria subjetiva do valor fornece, neste momento, as bases para a refundação do pensamento econômico, promovendo a vicissitude de uma Economia Política na Ciência Econômica. É neste quadro geral da transformação do pensamento que se localiza a reflexão aqui proposta. Tomar-se-á essa nova teoria do valor, emergente a partir de Carl Menger, William Stanley Jevons e Leon Walras, para descrever o início de uma mudança, que separa a Economia Política, descrita por Foucault como um saber fundado na figura moderna do *homem*, da Ciência Econômica, cognoscível necessariamente a partir do mercado. Com a leitura dessa cisão no pensamento econômico, a partir das noções desenvolvidas por Foucault, acredita-se ser possível ver, os primeiros traços de uma transformação epistêmica. Trata-se de um quadro onde o *homem*, centro gravitacional do saber moderno, paulatinamente se desloca da posição de sujeito, caminhando para indistinção junto aos demais objetos do saber. No conjunto dessas transformações, pretende-se indicar que uma das marcas deixadas no pensamento é a impossibilidade de uma ontologia. Apontando assim, para a presença de uma ontologia do valor na Economia Política do século XIX, e sua posterior inviabilidade na Ciência dos marginalistas, onde o valor não pode mais ser tomado como οὐσία.

Juliana Santos Monteiro - Doutoranda - UFS

“Da formação para a informação: a transformação dos saberes na contemporaneidade”

Este tema refere-se ao objeto da tese de doutoramento desta pesquisadora, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe. A problemática refere-se a transformação dos saberes na Contemporaneidade, interessando-se em compreender os processos sofridos pela noção de conhecimento, perpassando a concepção de cultura. Como fonte primordial recorre-se ao texto *“Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”*, de 1872, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que anuncia suas pretensões teóricas ao identificar o que denomina de “cultura vindoura” como modelo emergente do momento por ele vivido, assim como as tendências que perpassam sua expansão e ao mesmo tempo, a redução de sua complexidade. Através de uma metodologia de inspiração genealógica e cartográfica, deriva-se a investigação dos efeitos gerados sob os saberes pelos eixos basilares desta transformação, sendo eles: Estado, Comércio, Ciência e Mídia. Conforme o filósofo aponta, acredita-se estar em curso um processo de transformação nos conteúdos epistêmicos do conhecimento, não mais interessados na formação do sujeito e direcionados à sua ação externa, mas na criação de verdades internas que auxiliam na manutenção e na estabilidade de certas estruturas de dominação. A crítica nietzschiana fundamenta-se na convicção de que essa configuração da cultura busca potencializar os elementos comuns, medianos e portanto, medíocres, nivelando os seres a partir de um ideal utilitário, ao invés de corroborar e fortalecer suas singularidades. Sujeitos a uma perspectiva generalizada, o valor individual de cada percepção se perde em razão de uma utilidade comunitária superior. Estaremos dialogando também com 10 docentes do município de Aracaju/SE, através de entrevistas semiestruturadas, com intenção de perceber como os professores estão compreendendo a transformação dos saberes em seus cotidianos escolares. Essas falas nos auxiliarão em nossas reflexões acerca das cartografias da educação contemporânea, focando no entendimento da “informação” e da estética produzida pelos saberes na atualidade.

22/05 - 14 horas – Auditório da ADUFSCar**Flávia Andrade Almeida - Mestranda – PUC/SP****“Morte e suicídio no âmbito da biopolítica”**

Nas recentes campanhas de prevenção ao suicídio, é frequentemente lido nos discursos de especialistas das áreas da saúde que morte e suicídio são tabus, assuntos carregados de preconceitos morais. Como se os temas da morte e do suicídio fossem comumente evitados em razão da própria angústia que suscitam. Contudo, nos desviando do campo do óbvio, Foucault nos permite pensar tais temas a partir de suas investigações sobre as regras de circulação dos discursos e a partir da noção de biopolítica. Desse modo, uma das perguntas fundamentais que se faz nesse campo é se de fato morte e suicídio são temas carregados por si só de questões morais ou outras inquietações, ou se, por outro lado, estes são estes dois assuntos condicionados a regras de limitação, rarefação, controle de condições para que circulem no campo discursivo. Podemos questionar se a interdição, a suposta censura a estes dois assuntos está articulada a mecanismos mais complexos de regulamentação discursiva e nosso interesse é investigar se (ou de que modo), a interdição desses temas está vinculada ao exercício de poderes que impõem a saúde e o controle de natalidade como imperativos sociais. O principal objetivo da pesquisa é investigar o tema do suicídio (ato e discurso) no que ele se relaciona aos escritos de Foucault sobre vida e morte na biopolítica. Trabalhando exclusivamente à partir dos escritos de Foucault, verificaremos o estatuto político da morte e do suicídio, especialmente em decorrência da transformação do estatuto político da vida, no biopoder.

Carlos Eduardo Freire Estellita-Lins**- Doutor - Fiocruz-RJ****“Sobre a experiência trágica e questão da origem na 'História da loucura da Idade Clássica'”**

Davi Maranhão De Conti - Mestrando – UFG

“Biopolítica e animalidade”

Diferentemente de suas análises acerca do poder soberano e do poder disciplinar, cujas origens na genealogia nietzschiana foram tão frequentemente destacadas, as considerações de Foucault acerca da biopolítica, até o momento, pouco se relacionaram à obra do filósofo alemão. Esposito é que mais extensamente considerou essa aproximação. Ao propor uma cisão entre biopolítica afirmativa e biopolítica negativa – entre poder da vida [*biopotenza*] e poder sobre a vida [*biopotere*] – Esposito supõe que a animalização do homem, como definida por Nietzsche, representa a única maneira de se escapar ao domínio sobre a vida. Essa hipótese é analisada por Vanessa Lemm no artigo “Nietzsche, Foucault and the question of animal life”. Apesar de concordar com a ideia de que a animalidade em Nietzsche abre espaço para uma biopolítica afirmativa, Lemm afirma que, por partir de pressupostos falsos, Esposito não desenvolve o argumento. Ele considera que a noção de vida como vontade de poder significa que a vida já é sempre política, ela opõe-se por crer que essa hipótese se afasta da ideia que é encontrada ao longo da obra de Nietzsche de que a vida animal resiste a ser capturada pelo poder político. Para a autora, a vida como vontade de poder seria cultura antes de política. Ao supor que a concepção nietzschiana de cultura revela o modo como a animalidade pode ser a fonte da criatividade, Lemm, amparada pela noção de esquecimento, é capaz de reelaborar a proposta de Esposito acerca da biopolítica afirmativa. Por considerar que a cultura precede a política, ela se habilita a desenvolver o argumento de que é possível derivar da animalidade em Nietzsche uma biopolítica afirmativa.

Caroline Louise do Nascimento Soares

- Mestranda - UFMG

“Foucault e a parresia política: uma experiência da governamentalidade democrática”

Felipe Sampaio de Freitas - Mestrando – UFPA

“Por uma leitura não *neoliberal* de Foucault: da economia política ao *homo oeconomicus*”

O presente trabalho tem uma proposta simples e clara: apresentar o aparato conceitual foucaultiano, no que tange o assunto da biopolítica, principalmente nos cursos dados ao *Collège de France*, de 1978 e 1979; consecutivamente *Sécurité, territoire, population* e ---*Naissance de la biopolitique*, articulando dois de seus principais conceitos teórico-metodológicos, um de âmbito mais geral e outro sob um foco mais delimitado, quais sejam, os de *economia política* e *homo oeconomicus*. O motivo para isto se dá partindo do seguinte pressuposto: poderiam a economia política e a figura do *homo oeconomicus* se configurar como regimes de verdade e de criação de subjetividade, na contemporaneidade? Nossa hipótese é que sim. Entretanto, na medida em que esta prerrogativa se desdobra, entramos em contato com a polêmica questão da aproximação de Foucault ao neoliberalismo, no curso de 79. Esta “proximidade” gerou em diversos pesquisadores a dúvida: Foucault estaria ao fim de sua vida se tornando um pensador neoliberal? Desta maneira, por meio da elucidação daqueles pequenos termos, busca-se trabalhar também a defesa de uma leitura que não reduza Foucault e sua obra à alcunha pensador neoliberal: o filósofo, por meio de constatações, nada mais estaria agindo de maneira crítica, pois, na medida em que delineia muito bem este quadro do neoliberalismo nas sociedades contemporâneas, principalmente se pensarmos a ideia do “capital humano”, percebemos que sua eventual aproximação para com o advento neoliberal se confunde muito com um alinhamento ao anarquismo, tendo para isso um ponto fixo: a ideia de *autogestão*. Assim, busca-se apresentar os pontos necessários para o desenvolvimento deste profícuo debate de ideias, no seio da analítica do poder, presente na produção intelectual do filósofo de Poitiers.

Palavras-Chaves: Analítica do Poder; Economia Política; Liberalismo; Neoliberalismo; Biopolítica.

COMUNICAÇÕES III

MESA 07

Foucault, sexualidade e cuidado de si

24/05 - 10 horas – Sala de Graduação do Dfil

**Adriano Francisco de Araújo Júnior
- Graduando - UENP/CCHE-CJ**

“O conceito de estética da existência de Michel Foucault: como não pensar somente uma estética”

O escopo deste trabalho é o de demonstrar como a genealogia de Michel Foucault pode ser utilizada para se pensar uma estética que consiga superar a dicotomia entre a ética e a estética que ocorre dentro da tradição filosófica moderna. Através do conceito de estética da existência é possível observar de maneira clara uma mescla entre estes campos de pesquisa que anteriormente foram considerados necessariamente dissociáveis. Isto ocorre pelo fato de que uma pesquisa de caráter genealógico tem como foco examinar os fundamentos do discurso que são anteriores às formas de racionalização presentes na tradição moderna, assim sendo, o conceito de estética da existência se encontra fora destes modos de separação encontrados nesta filosofia da modernidade.

William Rossani dos Santos - Graduando - UFSCar

“A Construção Histórica do Dispositivo da Sexualidade”

A tetralogia da História da Sexualidade de Michel Foucault visa apresentar uma problematização histórica dos efeitos do poder, do saber e dos discursos em torno da sexualidade. O filósofo, no primeiro volume, investiga a construção de certos regimes de verdade e determinados procedimentos de exame, que antes de censurar os discursos sobre o sexo por meio de um mecanismo repressivo, incitam a falar sobre ele a partir de um discurso racional e científico para conhecê-lo e desvendá-lo.

O sexo, a partir do século XVIII ao século XIX, torna-se, então, objeto de policiamento e alvo de intervenção, passando a ser administrado segundo a perspectiva de uma economia política da população. Neste sentido, surge a análise das condutas sexuais, de seus efeitos e determinações nos limites entre o biológico e o econômico, que ao invés de interditar as múltiplas sexualidades, irá codificá-las, consolidá-las, e torná-las mais visíveis e manifestas.

Sem tirar o foco da construção histórica do “homem do desejo”, Foucault nas três obras subsequentes, passa a analisar os regimes de austeridade sexual que partem do período clássico grego à pastoral cristã. Partindo do que vai chamar de “artes da existência” ou “práticas de si”, o autor investiga o porquê de a atividade sexual ter se constituído de forma tão específica e intensa como um campo moral merecedor de um cuidado ético e vigilante que se estende até a modernidade por meio de um mecanismo de verificação e, posteriormente, como uma ciência sexual.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a História da Sexualidade representa uma interrogação do prazer, do desejo e das práticas sexuais no decorrer da Era Clássica à Era Moderna, com a finalidade de compreender o conjunto de técnicas que integrou o dispositivo da sexualidade enquanto um grande esquema vinculado ao prazer, ao saber e ao poder.

Arthur Arruda Leal Ferreira
Pós-Doutorando - UFRJ
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
- Professor associado III - UFRJ

“Técnicas de si e a introspecção experimental: Uma possível linha de estudos genealógicos”

O objetivo deste trabalho é examinar as tecnologias de si produzidas por práticas psi, e mais especificamente pela introspecção experimental e seus modos de treinamento nos laboratórios de psicologia do início do século XX. Para tal objetivo, tomaremos como base o conceito de tecnologias de si desenvolvido por Michel Foucault nos últimos anos de sua vida na década de 1980, principalmente em seu curso “A Hermenêutica do Sujeito”. Estas tecnologias são analisáveis em categorias tais como as de substância, a kesis (ou exercícios), práticas de si e telelologia, assim como a distinção entre filosofia e espiritualidade. Estas ferramentas conceituais serão utilizadas a fim de detectar a presença de técnicas de si nas primeiras práticas psicológicas de laboratório, especialmente em autores como o psicólogo experimental Edward Bradford Titchener (1867-1927). Neste caso, serão examinados os manuais e artigos sobre introspecção deste autor e textos de comentadores sobre o trabalho do mesmo. Assim, buscaremos avaliar se as práticas de treinamento em introspecção configurariam uma transformação ética de si ou se seriam apenas aplicações de um método. Caso configure o primeiro caso, buscaremos saber quais seriam a substância, a kesis (ou exercícios), as práticas de si e a telelologia destas práticas. Rumo à conclusão, utilizaremos a Epistemologia Política de Vinciane Despret para quem essas práticas não só apontam para técnicas de si especiais, mas também servem para problematizar os nossos modos de pesquisa atuais.

Klinger Scoralick - Doutorando - PUC-RJ

“Cuidar de si, cuidado político”

O esforço genealógico de Foucault em *A hermenêutica do sujeito* dá origem ou se abre a partir da seguinte pergunta: o que é ou indica o cuidado de si? A referida questão tem aqui seu ponto de partida em Platão, em seu diálogo o mais “socrático” e, talvez, não menos apócrifo, no qual ele destaca que nenhum conhecimento é possível sem o conhecimento de si mesmo. O texto em questão é o *Alcibíades*, no qual Sócrates encontra-se em diálogo com o jovem Alcibíades, que aspirava ocupar um lugar de destaque na política ateniense e que se depara com a insistência da interlocução de Sócrates – a impor dúvidas sobre suas habilidades políticas ou sobre aquilo que ele julga possuir – afirmando que *é preciso ocupar-se consigo mesmo*. A pergunta sobre o que seria o “cuidar de si mesmo” ou o “ocupar-se de si”, que faz guiar toda essa narrativa platônica, convida o leitor a percorrer o método socrático, o qual não se volta, por sua vez, sobre a prova da existência da alma, sobre a interioridade ou sobre o combate à ignorância pelo saber, mas faz menção ao “como” se viver em sociedade, ao “como” exercer a política, isto é, ao “como” se portar no mundo – transformação ativa. Essa é uma ideia presente nas leituras de Foucault, que diz que o cuidado de si deflagra em *Alcibíades* o problema do sujeito de ação, da constituição da subjetividade, da produção de verdade, do governo de si e dos outros. O cuidado de si coloca em jogo uma “estética da existência” ou uma sabedoria oposta ao conhecimento, que se faz desdobrar em uma dimensão ética e política: como devemos agir? Cuidar de si mesmo é uma exigência da verdade, que impõe o político: do que (de quem) cuidamos?

24/05 - 10 horas – Auditório do DFil

Bárbara Raffaele Carvalho Santos

- Graduanda – UFU/FAPEMIG

“Tragédia e sofrimento: a aproximação de *Assim falou Zarathustra* e *O nascimento da tragédia*”

O objetivo deste trabalho é relacionar a noção de sofrimento na filosofia nietzschiana e sua concepção de tragédia, tendo como eixo principal a obra *Assim falou Zarathustra* (escrito entre 1883 e 1885) e a tese *Zarathustra, tragédia nietzschiana* (1997) de Roberto Machado. O percurso feito analisa a linguagem da obra de Friedrich Nietzsche através de dois estudiosos e suas interpretações, são eles Jörg Salaquarda e Roberto Machado. Assim, foi feito um paralelo entre *O nascimento da tragédia* (1872) e *Assim falou Zarathustra*, visto que a tragédia grega tinha uma linguagem poética que acontecia por meio da música através do coro trágico. A relação feita entre as duas obras possibilita o entendimento de *Zarathustra* como trajetória trágica, na qual a personagem principal faz o percurso do impulso apolíneo ao dionisíaco descrito na primeira obra de Nietzsche. Para essa interpretação, a noção de sofrimento é importante para a ligação entre as obras e pode ser entendida de duas formas diversas nas obras de Nietzsche, uma negativa, considerada como fraca e ressentida e outra afirmadora, que possibilita a criação e o acolhimento da vida como um todo. O sofrimento ressentido culmina na criação de religiões dogmáticas ou no pessimismo que deseja a morte, no *Zarathustra* este é apresentado como o espírito de gravidade. O sofrimento afirmador, dos fortes e potentes, aparece na obra como a aceitação do eterno retorno do mesmo, através do *amor fati* e superação do niilismo. Elucida-se aqui, que as canções ao longo da obra *Assim falou Zarathustra*, chamadas de ditirambos dionisíacos, são partes da criação de algo novo que supera a velha moral. Portanto, sofrimento e tragicidade são as concepções principais para compreensão do Eterno retorno do instante e do amor fati como o triunfo de Zarathustra no combate ao espírito de gravidade.

Leonardo Araújo Oliveira
- Mestre - UESB

“Zaratustra, um intrépido? Sobre a ideia de coragem em Nietzsche”

Esse texto visa explorar a ideia de coragem em Nietzsche, com foco na obra *Assim falou Zaratustra*. Analisaremos os trechos em que o conceito aparece, buscando uma compreensão elaborada do tema no interior da filosofia de Nietzsche, isto é, compreendendo a ideia de coragem em meio a arquitetura conceitual pertencente ao pensamento nietzschiano e à tessitura do *Zaratustra*, atentando para o fato de que a mobilidade de entes abstratos (conceitos, ideias, teses) efetuada pelo filósofo alemão se radicaliza nessa obra, uma vez que possui uma intenção claramente artístico-dramática do ponto de vista de sua escrita. Conceito pouco explorado por comentadores, a coragem aparece como ideia fundamental no *Zaratustra*, dentro tanto dos procedimentos negativos de Nietzsche, no que diz respeito à destruição de tábuas de valores e da execução da avaliação crítica da moral ocidental de modo geral, quanto de suas intenções positivas, no que tange a novas proposições valorativas, sobretudo uma ética da afirmação integral da vida.

Gabriela do Espírito Santo Marchiori
- Graduanda - UFPR

“O Nascimento da Tragédia como tentativa de renascimento”

Hailton Felipe Guiomarino - Doutorando - UFPR

“A autoencenação de Nietzsche como sofredor trágico”

No fragmento póstumo 14 [89], da primavera de 1888, Nietzsche esboça apontamentos acerca do que chamou de “problema do sentido do sofrimento”. Seu pano de fundo é a contraposição entre os simbolismos do deus Dioniso e do Crucificado. A cada um são imputadas valorações antagônicas da vida, na medida em que respondem diferentemente ao sofrimento inerente ao vir-a-ser da própria vida: ou com um sentido trágico ou com um sentido cristão. No primeiro caso, tem-se um modelo ascético-ideal de sentido, cumprindo a função de justificar o sofrimento para um tipo de sofredor, cuja debilidade fisiológica necessita da ficção de um além-mundo para fins de consolo e narcotização. Já o sentido trágico corresponde ao anseio de outro tipo de sofredor, cuja superabundância de forças permite a afirmação jubilosa da existência e justifica o sofrimento no próprio curso do vir-a-ser. Partindo dessa distinção, a comunicação objetiva caracterizar a figura de Nietzsche, tal qual ela aparece em *Ecce Homo*, enquanto um sofredor trágico por meio do recurso à autoencenação. Manejando a figura de si mesmo filosófica e literariamente, Nietzsche se converte em instância argumentativa e confere ao seu sofrimento vivido um vetor crítico para operar uma dessubjetivação em relação a certas valorações modernas. Ver-se-á como o filósofo insere a “sequência e interdependência internas” de sua vida na história da cultura ocidental, marcada pelas valorações metafísico-cristãs, de modo a fazer do seu sofrimento o testemunho da fratura da modernidade em direção à intentada transvaloração dos valores dominantes.

Palavras-Chaves: Sofrimento. Sentido trágico. Autoencenação.

COMUNICAÇÕES IV

MESA 09

Nietzsche e Foucault

24/05 - 14 horas – Sala de Graduação do Dfil

Lidiane Silvestre da Silva - Graduanda - Univel

“Uma discussão hodierna do conceito de justiça em Nietzsche”

O trabalho tem por objetivo discutir o conceito de justiça segundo o pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche, desenvolvendo conjuntamente, conjecturas acerca do crime de colarinho branco no Brasil. Nietzsche constrói seu conceito de justiça com base na fundamentação da ideia de Estado, sendo o Estado formado a partir de uma disputa de forças, onde o mais forte impõe sua vontade ao mais fraco. Nietzsche constrói seu conceito de justiça atrelado à ética e formação de juízos de valor do que é bom ou mau. Com isso, o pensamento ético passou a determinar os rumos sociais, por intermédio dos parâmetros estabelecidos do que se convencionou como bom ou mal. A ideia de justiça passou então a legitimar a prática de exploração social, levando-se a acreditar que a exploração é um conceito exagerado e que o Estado é a personificação da justiça. Para aplicação da justiça são construídas normas que devem ser cumpridas por todos, surgindo dessa maneira, a própria genealogia do direito. Direito esse descrito pelo pensador alemão como positivado, oriundo do enfretamento de homens, resultado de disputa de forças e não de um consenso racional e da imposição de forças dominantes sobre subjugados.

Palavras-Chaves:Justiça. Moral. Direito. Leis. Nietzsche.

Lindomberto Ferreira Alves
- Mestrando em Teoria da Arte - UFES

“Nietzsche e Foucault: rumores filosóficos nas obras da artista Rubiane Maia”

O objetivo deste artigo é situar em perspectiva as intenções poéticas reveladas de aproximação entre arte, vida e obra no decurso dos doze anos de carreira da artista multimídia contemporânea brasileira Rubiane Maia, a partir das reflexões em torno da relação entre arte e vida promovidas pelos filósofos Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Visando delimitar um recorte mais circunscrito no âmbito desta perspectiva, o argumento que intencionamos desenvolver passa, essencialmente, pela discussão das influências que as concepções de *vida como obra de arte*, de Nietzsche (1992; 2001), e de *estética da existência*, de Foucault (1984; 1985), teriam sobre os processos criativos que perpassam as proposições e produções da artista Rubiane Maia. Dito de outra forma, pretende-se, aqui, verificar até que ponto as reflexões oriundas das filosofias de Nietzsche e Foucault – de modo especial, aquelas que nelas dizem respeito às relações de aproximação da arte à vida – influem sobre os caminhos trilhados pela artista na concepção de seus trabalhos em arte; como, também, averiguar em que medida tais concepções figuram como espécie de plano de consistência sobre o qual se alicerça o conjunto de sua obra. Diante disso, este artigo se justifica, de um lado pela lacuna, no âmbito local e, até mesmo nacional, de pesquisas voltadas à análise do universo artístico de Rubiane Maia, considerada um dos mais importantes expoentes da história recente das artes no Brasil – com projeções nacional e internacional. Por outro lado, pelas potenciais contribuições que as investigações nietzschiana e foucaultiana acerca da relação entre arte e vida, podem trazer sobre as tessituras que envolvem as principais tendências e intencionalidades da poética da artista, bem como sobre a complexa e dinâmica rede de experimentações poéticas engendradas por artistas em nossa época.

Palavras-Chaves: Friedrich Nietzsche; Michel Foucault; Rubiane Maia; Arte contemporânea; Arte e vida.

Luana Rafaela da Silva Costa

– Pós-Graduanda- UFPE

“Os desafios da profissão docente e o cuidado de si”

O texto apresenta um ensaio teórico apresentando os diversos desafios próprios a profissão docente, principalmente frente as rápidas mudanças no contexto social que alteram significativamente o papel do professor e as exigências em relação à eficácia de sua função. Diante das exigências em relação a resultados, existem muitas normas que devem ser seguidas, mecanismos de controle que produzem prescrições e métodos não apenas para conduzir a aula, mas também o modo de ser professor. Sempre em busca de uma solução unificada e falham justamente por desconsiderar as diferentes realidades as quais os sujeitos estão inseridos, sempre querendo unificar visando uma solução geral. A escola é esse espaço repleto de normas, relações que já esperam um modo comum de agir, caracteriza-se como um dispositivo, repleto de subjetivações, onde põe em funcionamento um conjunto de processos que transformam os sujeitos. Nesse contexto, por não ser comum a reflexão do eu professor, mas uma idealização que deve ser alcançada, desconsidera-se as subjetividades. Com isso, nosso posicionamento surgiu em relação ao cuidado de si, conceito abordado por Foucault (2010), o fizemos com certa hesitação, cientes de muitos outros conceitos que ainda devem ser explorados devido a vasta obra do autor. Mas, ainda assim assumimos a responsabilidade de descrever as afetações, provocando o pensamento na relação consigo mesmo em meio as normas e engendramentos constituídos por verdades discursivas pedagógicas que negam a maneira singular que represente sua subjetividade. Possibilitando desse modo pensar em outras possibilidades para a docência e seus desafios.

Palavras-Chaves: Educação. Profissão Docente. Cuidado de si. Foucault.

Diego Henrique Nascimento Santos

- Graduando - UFF

“Vontade de Poder: da dominação”

24/05 - 14 horas – Auditório do DFil

Bianca Squarisi Roque de Oliveira
– Especializanda - Uni. Estácio de Sá

“O último homem nietzscheano no espelho da sociedade contemporânea: Uma antecipação nietzscheana de nossa realidade registrada no final do Século XIX”

O que diria o autor de *Assim Falava Zaratustra* ao deparar-se com a sociedade contemporânea na praça do mercado já não mais sequer aguardando pela performance do saltimbanco, mas apenas em presença física no evento, já que nada realmente importa a tais homens? É o que visamos investigar com o presente trabalho – a antecipação da ascensão do niilismo na sociedade contemporânea, prevista e registrada por Nietzsche no final do século XIX e, especialmente, as origens e soluções propostas pelo filósofo para tal "doença" social. Para tanto, tomaremos por base as obras do filósofo, suas anotações posteriormente publicadas como "fragmentos póstumos" e obras de comentadores da filosofia nietzscheana. Analisaremos, então, a presença dos sintomas caracterizadores do "último homem" descrito na obra *Assim Falava Zaratustra* espelhados no comportamento da sociedade contemporânea, sob a perspectiva do niilismo passivo, utilizando como elemento norteador de nossa investigação a previsão registrada pelo filósofo no fragmento póstumo n. 11 [411] de novembro de 1887 a março de 1888, no qual afirma narrar a história dos próximos dois séculos: "a ascensão do niilismo". Tendo definido os pressupostos, passaremos à análise do niilismo enquanto processo histórico, para ao final apontar uma hipótese nietzscheana de superação de tal fenômeno, qual seja: *amor fati*.

Palavras-Chaves: Último homem; Niilismo; Sociedade contemporânea; *Amor fati*.

Iara Velasco e Cruz Malbouisson

– Doutoranda - UNICAMP

“O ocaso de uma só hipótese: o problema do niilismo para além da Europa”

No conhecido fragmento de Lenzer Heide, intitulado “O Niilismo Europeu”, Nietzsche relaciona o atual niilismo de seus contemporâneos com o aparentemente irreversível perecer da hipótese moral cristã: “Uma interpretação soçobrou: porém, por que ela valia como *a* interpretação, parece como se não houvesse absolutamente nenhum sentido na existência, como se tudo fosse *em vão*” (1887, 5[71]). Dadas as relações que Nietzsche estabelece entre o niilismo e a Europa – afinal, é a própria estrutura niilista da cultura europeia, com sua busca pela verdade a qualquer custo, que possibilita a morte de Deus – e diante de sua expansão cultural e política (“os europeus *se revelam* pela forma como eles *colonizaram*” 1884, 25 [152]), cabe indagar quais os limites atuais do niilismo europeu, e ainda, como fica a questão do niilismo quando vista de fora – por uma outra cultura, talvez. Nossa comunicação terá por objetivo investigar precisamente uma destas “visões de longe”; mais especificamente, trata-se da narrativa escatológica yanomami que Davi Kopenawa nos legou no livro *A queda do céu*. Mesclando narrativa autobiográfica, denúncias sobre as ameaças que seu povo enfrenta e meditações comparativas acerca dos brancos (o “povo da mercadoria”) e dos yanomami (o “povo da floresta”), este livro ímpar contém uma alarmante “profecia cosmoecológica” sobre o fim iminente de *toda* humanidade. Mais ainda, ele contém, segundo o antropólogo Viveiros de Castro, que assina o prefácio da edição brasileira, uma “irrevogável condenação sobre o que se pode esperar” da civilização ocidental – uma civilização composta por “espectros canibais que esqueceram suas origens e sua cultura” – condenação esta que nos interessa analisar sobretudo na medida em que ela é “precedida (e derivada) de uma ampla exposição filosófica dos fundamentos de um *mundo* indígena”. Estaríamos aqui diante de um improvável, porém “absolutamente contemporâneo”, diagnóstico indígena do niilismo europeu?

Jefferson Martins Cassiano
– Doutorando - UnB

“Pensar em Tempos de Niilismo: morte de Deus, morte do Homem”

A proposta desse texto é refletir acerca do niilismo possibilitado por uma filosofia da suspeita adotada por Foucault a partir do pensamento de Nietzsche. Para tanto, a hipótese refere-se a um esforço para abrir espaço a um movimento de transformação que considere, de acordo com Foucault, um pensamento crítico sobre o que consiste na interpretação ensaística de uma experiência modificadora. Certamente, a influência e a importância do pensamento de Nietzsche para a filosofia de Foucault são amplamente reconhecidas, e uma das características compartilhada pelos autores é pensar a filosofia em termos de diagnóstico do presente. Por isso, considerando *Les mots et les choses* a obra mais ‘nietzschiana’ de Foucault, parece ser possível contornar uma leitura mais didática da arqueologia foucaultiana em termos de *épistémè*, para realizar uma leitura mais ensaística em termos de uma filosofia da suspeita. É justamente esta leitura ensaística que se aplica como método ao que parece ser o ápice da suspeita foucaultiana: a morte do Homem. Trata-se de uma filosofia da suspeita atribuída a Foucault que persiste na crítica aos valores e ideais do Ocidente iniciada por Nietzsche com a morte de Deus. Nesse sentido, procura-se apresentar três argumentos principais: a tensão entre a arqueologia do saber e uma filosofia da suspeita em *Les mots et les choses*; a relação entre a morte de Deus em Nietzsche e a morte do Homem em Foucault; e a projeção do niilismo como processo de dessubjetivação (experimentação). Enfim, espera-se que pensar em tempos de niilismo a partir da filosofia de Foucault resulte em atentar para uma filosofia da suspeita que busca ensaiar um diagnóstico do presente: considerar que as maneiras de pensar e viver de nosso tempo estão de tal modo relacionadas com as experimentações feitas do niilismo.

Isadora Raquel Petry – Doutoranda - UNICAMP

“Niilismo e *décadence* como diagnóstico da cultura: algumas considerações a respeito da “lógica” da decadência e sua '*Selbstaufhebung*'”

Desce cedo, Nietzsche refletiu sobre o problema da cultura moderna. Já em *O nascimento da tragédia*, a modernidade inaugurada com Sócrates e o declínio da cultura helênica por meio da morte da tragédia, eram objetos de suas reflexões. Mais tarde, em *Ecce Homo*, Nietzsche irá diagnosticar o declínio também em si mesmo, compreendendo-se paradoxalmente como um *décadent* e seu oposto, isto é, um *décadent* com “dupla ascendência [...], a um tempo *décadent* e começo”. Para os sinais de ascensão e declínio, diz Nietzsche, “tenho um sentido mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre *par excellence* – conheço ambos, sou ambos”. Sob o signo do declínio, que Nietzsche identifica tanto na cultura quanto na sua própria constituição, os conceitos ‘niilismo’ e ‘*décadence*’ irão se tornar o objeto principal das suas reflexões sobre a modernidade a partir de 1883. Nesta comunicação, discutiremos a problemática niilismo/*décadence* à luz da afirmação de Nietzsche, de que “o niilismo é a lógica da *décadence*”. Se até um certo momento, niilismo e *décadence* parecem ser pensados separadamente pelo filósofo, a partir de 1887 o conceito de niilismo seria subsumido ao de *décadence*, constituindo assim a lógica interna do processo. Mas o que significa entender o niilismo senão como a lógica da *décadence*, e como isso contribui para a compreensão do diagnóstico que Nietzsche faz da modernidade? Estas são algumas das questões que pretendemos discutir nesta comunicação.

INFORMAÇÕES ÚTEIS:

**Como se
deslocar em
São Carlos?**

Uber
99 Táxi
Use Táxi: (16) 3307-7000
Coopertáxi: (16) 3415-6005

Hotel Indaiá Residence

Endereço: Rua Jacinto Favoreto, 782
Contato: (16) 3373-7575 | WhatsApp: (16) 9
8216-4343

Hotel Anacã

Endereço: Avenida São Carlos, 2690
Contato: (16) 3416 4854

Hotel Othon

Endereço: Rua Conselheiro João Alfredo 77

The Hill Hotéis

Endereço: Rua Kenneth Gilbert Herrick, 101 -
Jóquei Clube
Contato: (16) 3306 3000

Parisi hotel

Endereço: Avenida São Carlos, 3163
Contato: (16) 3373-4444 | (16) 3419-0319 | (16)
99640-5542 (whatsapp)

Pousada São Joaquim

Endereço: Rua São Joaquim, 2424
Contato: (16) 3413-1667

Airbnb

**Onde se
hospedar?**

Lobo Brasil

Endereço: R. Episcopal, 2695 – Centro.

Contato: (16) 3419-6115

Mosaico

Endereço: R. Aquidaban, 1342 - Centro.

Contato: (16) 3371-4474

Café 7

Endereço: R. 7 de Setembro, 1447 –

Centro.

Contato: (16) 3415-1026

Casa do café

Endereço: R. Riachuelo, 1201 – Centro.

Contato: (16) 3415-3035

Kalil

Endereço: Av. Dr. Carlos Botelho, 1737 –

Centro.

Contato: (16) 3372-1696

Kallas

Endereço: 2784, Av. São Carlos -
Jardim Macarengo.

Contato: (16) 3364-6362

Panela

Endereço: R. Dr. Orlando Damiano,
2157 – Centro.

Contato: (16) 3371-4157

RESTAURANTES

**MAIS EM
CONTA...**

BARES

La Casa

Endereço: Alameda dos Crisântemos, 598 -
Cidade Jardim.

Contato: (16) 3412-6782

Praia bar (bar do Béba)

Endereço: Av. São Carlos, 3077 – Centro.

A Fábrica

Endereço: R. 28 de Setembro, 2066 – Centro.

Contato: (16) 3372-6288

Kirchen

Endereço: R. Júlio Faga, 194 - Jardim
Bandeirantes.

Contato: (16) 3413-0275

Bar do Alex

Endereço: Av. São Carlos, 3633 - Vila Marina.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

REITORA: Profa. Dra. Wanda Aparecida Machado Hoffmann

VICE-REITOR: Prof. Dr. Walter Libardi

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PRÓ-REITORA: Profa. Dra. Audrey Borghi e Silva

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETORA: Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis

VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENADOR: Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Neto

VICE-COORDENADOR: Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA: Vanessa Cristina Migliato

Campus São Carlos

Rodovia Washington Luís, km 235 - SP-310

Monjolinho, São Carlos - São Paulo - Brasil

CEP 13565-905

Telefone: (16) 3351-8367/ 3306-6782

ORGANIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



**Consulado Geral da França
em São Paulo**

